



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Departamento de Ciência Política
Programa de Pós-Graduação em Ciência Política

Área de Concentração: Teoria Política e Interpretações do Brasil

Título da Disciplina: Teoria Política I

Professor: Cesar Kiraly

Período: 2015/01

Horário: Quarta-Feira de 15 às 18h

Seguiremos, neste semestre, os elementos que tornam possível o discurso da ciência política no século XVIII. Este seria composto pela identificação de uma experiência que seja própria à política, uma forma de estabelecer a prevalência da liberdade à servidão e de modos de descrever as crenças em diferentes circunstâncias.

1. Maquiavel

Leitura Principal:

Maquiavel, N. (2008). O Príncipe. Lisboa, Círculo de Leitores.

Leituras Complementares:

Althusser, L. (2007). Maquiavel. Política e História. São Paulo, Martins Fontes.

Aurélio, D. P. (2012). O Príncipe. Maquiavel & Herdeiros. Lisboa, Círculo de Leitores.

Berlin, I. (2002). A Originalidade de Maquiavel. Estudos sobre a Humanidade. São Paulo, Companhia das Letras.

Gramsci, A. (1980). O Moderno Príncipe. Maquiavel, a Política e o Estado Moderno. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Lefort, C. (1986). A la Lecture du Principe. Le Travail de l'Œuvre Machiavel. Paris, Gallimard.

Merleau-Ponty, M. (1960). Note sur Machiavel. Éloge de la philosophie. Paris, Gallimard.

Skinner, Q. (2002). Machiavelli on *virtù* and the maintenance of liberty. Visions of Politics: renaissance virtues. Cambridge, Cambridge University Press.

2. La Boétie

Leitura Principal:

La Boétie, É. d. (1976). Le Discours de la Servitude Volontaire. Paris, Payot.

Leituras Complementares:

Clastres, P. (1988). A Sociedade contra o Estado. A Sociedade contra o Estado. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.

Clastres, P. (2004). Liberdade, Mau Encontro e Inominável. Arqueologia da Violência. São Paulo, Cosac Naify.

Lefort, C. (1976). Le nom d'Un. Le Discours de la Servitude Volontaire. Paris, Payot.

Weil, S. (1976). Méditation sur l'Obéissance et la Liberté. Les Discours de la Servitude Volontaire. Paris, Payot.

3. Montaigne

Leitura Principal:

Montaigne, M. (2009). Essais. Paris, Gallimard.

Ensaio:

De la Cruauté / De la Liberté de Conscience / Des Mauvais Moyens Employés à Bonne Fin / Couardise Mère de la Cruauté / Comme L'Âme Décharge ses Passions sur les Objets faux, quand les vrais lui défont / De la Punition de la Couardise / De la Peur / De l'Amitié / Des Cannibales / De l'Expérience

Leituras Complementares:

Brahmi, F. (1997). Le Scepticisme de Montaigne. Paris, PUF.

Brahmi, F. (2001). Le travail du scepticisme: Montaigne, Bayle, Hume. Paris, PUF.

Friedrich, H. (1968). Montaigne. Paris, Gallimard.

Lacouture, J. (1998). Montaigne a Cavallo. Rio de Janeiro, Record.

Lessa, R. (2008). "Montaigne's and Bayle's Variations: The Philosophical Form of Scepticism in Politics." Papéis Avulsos 2.

Merleau-Ponty, M. (1960). Lecture de Montaigne. Signes. Paris, Gallimard.

Romão, R. B. (2010). Caminhos da Dúvida. Lisboa, Edições Vendaval.

Romão, R. B. (2010). Montaigne e a Modernidade. Beira Interior, Universidade da Beira Interior.

Starobinski, J. (1992). Montaigne em Movimento. São Paulo, Companhia das Letras.

Tournon, A. (2004). Montaigne. São Paulo, Discurso Editorial.

Zweig, S. (2008). Montaigne. Paris, PUF.

4. Spinoza

Leitura Principal:

Spinoza, B. (1983). Tratado Político. São Paulo, Abril Cultural.

Leituras Complementares:

Aurélio, D. P. (1998). Espinosa. A Vontade de Sistema: estudos sobre filosofia e política. Lisboa, Edições Cosmos.

Aurélio, D. P. (2000). Imaginação e Poder: estudo sobre a filosofia política de Espinosa. Lisboa, Edições Colibri.

Aurélio, D. P. (2014). O Mais Natural dos Regimes. Lisboa, Círculo dos Leitores.

Chauí, M. (2003). Política em Espinosa. São Paulo, Companhia das Letras.

Chauí, M. (2011). Desejo, Paixão e Ação na Ética de Espinosa. São Paulo, Companhia das Letras.

Delbos, V. (2002). O Espinosismo. São Paulo, Discurso Editorial.

Negri, A. (1993). A Anomalia Selvagem: poder e potência em Spinoza. Rio de Janeiro, Ed. 34.

Schaub, M. (1974). Spinoza ou uma Filosofia Política de Galileu. A Filosofia do Mundo Novo. Rio de Janeiro, Zahar.

5. Bayle

Leitura Principal:

Bayle, P. (1740). Dictionnaire Historique et Critique. Amsterdam, Fac-Similé.

Bayle, P. (1991). Historical and Critical Dictionary: Selections. Indiana, Hackett Pub Co.

Verbetes:

Bodin / Calvin / Luther / Machiavel / Saint Paul / Spinoza

Leituras Complementares:

Brahmi, F. (2001). Le travail du scepticisme: Montaigne, Bayle, Hume. Paris, PUF.

Chauí, M. (2009). "A Estrutura Retórica do Verbo Spinoza." Kriterion L(120).

Lessa, R. (2009). "O Experimento Bayle: forma filosófica, ceticismo, crença e configuração do mundo humano." Kriterion L(120).

Popkin, R. (2003). Pierre Bayle: superscepticism and the beginnings of enlightenment dogmatism. The History of Scepticism. Oxford, Oxford University Press.

Smith, P. J. (2007). "Bayle e o Ceticismo Antigo." Kriterion XLVIII(115).

6. Hume

Leitura Principal:

Hume, D. (2004). Que a política pode ser reduzida a uma ciência. Ensaio Morais, Políticos e Literários. Rio de Janeiro, Topbooks.

Leituras Complementares:

Kiraly, C. (2010). Os Limites da Representação: um ensaio desde a filosofia de David Hume. São Paulo, Giz Editorial.

Kiraly, C. (2012). Da Construção e da Destruição dos Mundos. Ceticismo e Política. São Paulo, Giz Editorial.